



Evangélicos e a crise ecológica: uma análise em perspectiva multidisciplinar

Evangelicals and the ecological crisis: an analysis from a multidisciplinary perspective

Wander de Lara Proença¹¹³

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana e do PPG em História Social da Universidade Estadual de Londrina

Resumo: O artigo apresenta uma análise da relação de segmentos evangélicos com a temática da crise ecológica, demonstrando a ausência deste assunto nas diferentes atividades das igrejas locais, como pregação, ensino, música, dentre outros. Seriam hipóteses explicativas desse comportamento: interpretações antropocêntricas do Gênesis; formação do protestantismo brasileiro voltado ao “celeste porvir”; visões escatológicas que consideram catástrofes ambientais como sinais da parusia, gerando imobilidade no enfrentamento da crise ecológica; propagação da teologia da prosperidade, que ajusta a fé cristã a anseios consumistas, potencializando a produção escalonária do meio ambiente para essa satisfação egocêntrica, sem uma ética de sustentabilidade. Para análise, utilizam-se bibliografias multidisciplinares sobre o assunto, com destaque para contribuições conceituais do pensamento teológico de Jürgen Moltmann. Propõe-se que a formação de novos líderes, com outros olhares sobre as questões ecológicas, poderia reverberar em novas concepções e práxis nas comunidades evangélicas em que atuam, em favor da vida em sua biodiversidade.

Palavras-chave: Evangélicos. Ecologia. Educação teológica. Sustentabilidade.

Abstract: The article presents an analysis of the relationship between evangelical segments and the theme of the ecological crisis, demonstrating the absence of this subject in the different activities of local churches, such as preaching, teaching, music, among others. The following hypotheses would explain this behavior: anthropocentric interpretations of Genesis; formation of Brazilian Protestantism focused on the “celestial future”; eschatological views that consider environmental catastrophes as signs of the parousia, generating immobility in facing the ecological crisis; propagation of the theology

¹¹³ Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em História, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em História pelo Programa Associado de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Professor da Universidade Estadual de Londrina, no Departamento de História, na área de História do Brasil. Professor do Programa de Mestrado em História Social - UEL. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.

of prosperity, which adjusts the Christian faith to consumerist desires, enhancing the scaled production of the environment for this egocentric satisfaction, without an ethics of sustainability. For analysis, multidisciplinary bibliographies on the subject are used, with emphasis on conceptual contributions from the theological thought of Jürgen Moltmann. It is proposed that the formation of new leaders, with different perspectives on ecological issues, could reverberate in new conceptions and praxis in the evangelical communities in which they operate, in favor of life in its biodiversity.

Keywords: Evangelicals. Ecology. Theological education. Sustainability.

Introdução

Há dois cenários contrastantes, quando o assunto é a crise ambiental no contexto contemporâneo. De um lado, dados alarmantes trazidos por reportagens ou organizações especializadas na pesquisa sobre o tema, que apontam para a crise climática decorrente dos gases de efeito estufa,¹¹⁴ que provocam aquecimento global, derretimento das geleiras e contribuem diretamente para os extremos climáticos, tais como secas e enchentes, que alteram o cotidiano das pessoas, impactam economias, produzem vítimas fatais, ameaçando a vida em toda a sua biodiversidade. De outro extremo, um notório silenciamento, desconhecimento ou indiferença entre os evangélicos¹¹⁵ sobre as questões eco-climáticas. A temática ambiental está ausente nas pregações nos púlpitos, nas atividades educativas das igrejas locais, como as escolas bíblicas dominicais, na liturgia, na musicalidade, na espiritualidade, nos manuais de doutrinas ou nos regimentos internos. Tal constatação também fica evidente no contexto da educação teológica: percepções decorrentes da vivência pessoal desse autor, como docente de uma instituição de educação teológica de identidade protestante/evangélica, por mais de vinte anos, demonstram que os estudantes provenientes dos diversos pertencimentos denominacionais, que ingressam no curso de graduação, demonstram quase que completo desconhecimento da relação entre fé e ecologia, o que não difere dos matriculados nos programas de pós-graduação, em sua maioria pastores, que apresentam indiferença, desconhecimento ou incompreensão sobre qualquer relação das questões ecológicas com a doutrina da criação ou da soteriologia.

¹¹⁴ Efeito estufa significa que a emissão de gases, como dióxido de carbono (que é o resultado da combustão de carvão, petróleo e gás), está aumentando e atua como um cobertor que impede a saída do calor da superfície terrestre para o espaço, fazendo a sua temperatura subir. Como a atmosfera é transparente à luz solar, a radiação que vem do Sol atinge o Planeta e, normalmente é revertida, sob a forma de calor. Entretanto, com o aumento do dióxido de carbono e outros gases, isso não acontece e a atmosfera se torna um isolante térmico, ocasionando o aquecimento global, provocando alterações no sistema climático terrestre.

¹¹⁵ O emprego do termo “evangélico” requer o cuidado metodológico de se resguardar a especificidade de cada grupo que assim se denomina. Em termos gerais, a expressão identifica os diferentes ramos que compõem a vertente cristã oriunda da reforma religiosa ocorrida no século XVI, desenvolvidos no Brasil a partir dos séculos XIX e XX, incluindo tipologias classificadas como: protestantes, pentecostais, neopentecostais, comunidades locais, dentre outras.

Esse artigo tem como objetivo - após apresentar dados sobre a crise ecológica - analisar o pensamento evangélico em relação às questões ambientais, buscando entender os fatores que têm gerado o desconhecimento, a incompreensão ou a indiferença por parte deste segmento religioso sobre tal assunto. São apresentadas algumas hipóteses para análise desse comportamento. De igual modo, busca-se apontar possíveis caminhos que conduziram a outras visões e ações por parte da fé evangélica em favor da vida, em seu sentido ecológico amplo.

Para tais reflexões, utilizam-se bibliografias multidisciplinares que abordam o assunto, com destaque para contribuições conceituais do pensamento teológico de Jürgen Moltmann. Observações vivenciais do autor, no ambiente da educação teológica, também possibilitam conteúdos de análise e reflexão.

1 Cenários da crise ecológica

Impactos ambientais estão presentes em diferentes temporalidades e contextos. Já na antiguidade clássica, civilizações devastaram o mundo mediterrâneo, sendo a queda dos grandes impérios dos dois hemisférios, decorrente em parte à erosão de suas terras:

Na antiguidade também ocorreu destruição do meio ambiente, por este ser utilizado também intensiva e exaustivamente. Regiões férteis transformaram-se em verdadeiros desertos, ou foram ampliados os já existentes. O assim chamado berço da civilização ou nascente fértil, encontra-se em grande parte degradado.¹¹⁶

O pesquisador Keith Thomas amplia a escala de observação, afirmando que:

Os problemas ecológicos não são exclusivos do Ocidente, pois a erosão do solo, o desmatamento e a extinção de espécies tiveram lugar em partes do mundo onde a tradição judaico-cristã não teve qualquer influência. Os maias, os chineses e os povos do Oriente Próximo foram capazes de destruir seu meio ambiente sem a ajuda do cristianismo.¹¹⁷

O comportamento destrutivo do ser humano não passou despercebido ao texto bíblico no tempo de sua elaboração. Jeremias 12:10,11 chama a atenção para o clamor da vida em face à agressão ou descuido a que Terra estava sendo submetida:

Muitos pastores destruíram a minha vinha, pisaram o meu quinhão; a porção que era o meu prazer tornaram-na em deserto. Em assolação a tornaram, e a mim clama no seu abandono; toda a terra está devastada, porque ninguém há que tome isso a peito.¹¹⁸

¹¹⁶ ALMEIDA, Jozimar Paes. *A extinção do arco-íris*. Campinas: Papyrus, 1996, p.19,20.

¹¹⁷ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.29.

¹¹⁸ BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2021. [online].

Também o texto de Apocalipse 11:18, escrito no contexto do império romano, adverte sobre algum tipo de juízo escatológico sobre os que provocam danos à criação: “[...] chegou o tempo determinado [...] para destruíres os que destroem a terra”.¹¹⁹

No contexto da modernidade, coloca-se em evidência a visão antropocêntrica, fundamentada nos filósofos clássicos e na Bíblia, de que a natureza existia basicamente para servir aos interesses humanos:

O domínio humano tinha, portanto, lugar central no plano divino. O homem era o fim de todas as obras de Deus, declarava Jeremiah Burroughes, em 1657. “Todas as coisas”, concordava Richard Bentley, em 1662, foram criadas “principalmente para o benefício do e prazer do homem”. “Se procurarmos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo”, ponderava Francis Bacon, “de tal forma que se o homem fosse retirado do mundo todo o resto pareceria extraviado, sem objetivo ou propósito.”¹²⁰

No caso da Inglaterra, a tradição religiosa dominante na Inglaterra não mantinha nenhum vínculo com aquela “veneração” da natureza encontrada em várias regiões do Oriente:

Desde os tempos anglo-saxões, a igreja cristã na Inglaterra colocou-se contra o culto das nascentes e dos rios. As divindades pagãs do bosque, da corrente e da montanha foram expulsas, deixando assim desencantado o mundo, e pronto para ser formado, moldado e dominado.¹²¹

Neste período, a natureza continuou a ser basicamente a única fonte de onde se extraem os recursos para a satisfação das necessidades elementares do ser humano e também das necessidades sociais de bem-estar, conforto e progresso, social e culturalmente criadas pela própria humanidade. Para obter tal intento, age-se desmedidamente sobre a natureza como se esta lhe fosse uma fonte inesgotável, não havendo preocupação com o desperdício, acionando assim um mecanismo irreversível de danos irreparáveis à biosfera e ao meio ambiente.

Essa visão antropocêntrica, no contexto nascente do mundo moderno, estendeu-se à formação da América Latina. Houve uma égide de exploração predatória da natureza adotada no processo de colonização, inaugurado a partir do século XVI. Amalgamado a tal processo, o cristianismo em regime de padroado outorgou legitimidade aos seus atos que vieram para dominar e conquistar, sob o motriz da “cruz e da espada”, tudo aquilo que o afã do capital nascente exigia naquele momento. Disto decorreu uma ação predatória capaz de subjugar e espoliar a natureza sob a égide do consumismo. O resultado não poderia ser mais trágico para a criação: um ecocídio dimensionado pela pilhagem das riquezas naturais; a substituição do modo de trabalho

¹¹⁹ BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2021. [online].

¹²⁰ THOMAS, 1988, p.23.

¹²¹ THOMAS, 1988, p.28.

dos povos originários, que era de subsistência e de profundo respeito pela natureza, pela imposição de um sistema de produção em ritmo escalonário, com o emprego de técnicas que não permitem tempo hábil para que a natureza se recomponha em seus recursos naturais; a implantação de um modelo que faz do ser humano senhor e dono da criação, cuja estrutura continua a ameaçar a vida em toda a sua biodiversidade; perpetuação de ações predatórias sobre natureza, sem nenhuma ética que oriente uma ação de cuidados e de preservação do ambiente em se gera e se mantém a vida.

A Revolução Industrial iniciada no século XVIII, na Inglaterra, e que depois se espalhou para outras partes do mundo, traria grande impacto às diferentes esferas da sociedade, sobretudo, ocidental. Ela promoveu implicações ambientais, instrumentalizando o capitalismo emergente, dando ao mesmo uma capacidade de produção em amplitude e velocidade cada vez mais acelerados. O crescimento econômico decorrente passou a ser visto essencialmente como uma tábua de salvação para as mazelas que atingem o ser humano moderno, não havendo, entretanto, a devida preocupação quanto às implicações que isso traria ao meio ambiente:

O que significa a frase “a revolução industrial explodiu?” Significa que a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder e produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante e, até o presente, ilimitada de homens, mercadorias e serviços.¹²²

Durante todo esse período, o poder, e não a bondade, tornou-se o mais exímio predicado da divindade. Ele foi alcançado mediante a ciência e a técnica. Com esses recursos, o ser humano sentiu-se “semelhante a Deus”.¹²³

Celebrou-se a evolução do processo econômico, pela percepção da potencialidade acumulada em curto prazo pela indústria. No entanto, a longo prazo o desenvolvimento exponencial implicaria no esgotamento dos recursos naturais ou de comprometimento da qualidade de vida. Segundo o Painel Intergovernamental para a Mudança de Clima (Intergovernmental Panel on Climate Change, IPCC), a responsabilidade por esse aumento muito provavelmente é das atividades humanas, principalmente no setor agrícola e no uso de combustíveis fósseis. Dentre os riscos das alterações climáticas enumerados pelo IPCC, os mais diretos e evidentes são os ambientais. Os riscos geopolíticos incluem a disponibilidade mundial de água doce, pois o aumento dos mares pode contaminar os lençóis freáticos, contribuindo para o aumento da escassez hídrica e a redução da produtividade agrícola, o que acaba por gerar ameaças também na esfera econômica. O aumento da temperatura da água nos grandes lagos deve diminuir a disponibilidade de peixes, prejudicando a oferta de alimentos. Os riscos sociais incluem os riscos de saúde e de segurança, como a mortalidade causada pelo calor, ou o avanço de algumas doenças contagiosas, desnutrição:

¹²² HOBSBAWM, Eric. *A Revolução Industrial. A era das revoluções*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.44.

¹²³ MOLTMANN, Jürgen. *Dios en la creación*. Salamanca: Sigueme, 1987, p.39.

Cada um desses perigos representa um risco em potencial não apenas para a saúde das populações, mas também para a segurança das sociedades e dos Estados. Por exemplo, as populações mais afetadas devem iniciar (ou engrossar) movimentos migratórios em busca de condições mais toleráveis. Esses refugiados ambientais chegam a outras partes do mundo que já têm seus próprios problemas, e contribuem para aumentar as pressões sociais.¹²⁴

No período de 1850 aos dias atuais, tem se observado um aumento de 1 grau centígrado, em média, em todo o Planeta, e de 1,5 grau, no Brasil.¹²⁵ Sem a ação imediata frente à mudança do clima, a temperatura terrestre está projetada para aumentar mais de 3º C até o final do século XXI. Diversas consequências das alterações climáticas podem, portanto, ser enumeradas. Os oceanos têm absorvido mais de 80% do calor adicionado ao sistema climático e isso causa a sua expansão térmica, contribuindo para o aumento do nível dos mares. O aquecimento global também afeta os padrões de evaporação e precipitação, causando violentas chuvas ou secas mais longas e intensas, especialmente nas regiões tropicais e subtropicais. Além disso, há o aumento da ocorrência de ciclones tropicais. As temperaturas extremas também têm sofrido graves alterações: nos últimos cinquenta anos os dias frios e geadas se tornaram menos frequentes, enquanto dias quentes e ondas de calor se tornaram mais comuns. Os sistemas biológicos terrestres têm sofrido muito com esse aquecimento:

[...] algumas espécies animais e vegetais têm se deslocado em direção aos polos e a áreas de maior altitude, buscando temperaturas mais amenas. Alguns eventos típicos da primavera têm ocorrido cada vez mais cedo, como a migração dos pássaros, a postura dos ovos e o brotamento das folhas. Alterações significativas também têm ocorrido nos ecossistemas marinhos e de água doce. É o caso das migrações de peixes nos rios, que passam a ocorrer mais cedo, e das variações na quantidade de algas, plâncton e peixes em alguns oceanos e lagos.¹²⁶

As alterações no clima global aumentaram a incidência e a intensidade de eventos extremos, o que provoca consequências socioeconômicas, como o racionamento de água e o aumento do preço de alimentos, por problemas na agricultura. São, assim, preocupantes os impactos ambientais sobre os ecossistemas: “Observações sobre alterações biológicas, como migrações, decréscimo de população de espécies, intensificação de furacões e tornados, entre tantos efeitos, estão sendo analisadas com uma frequência incomum”.¹²⁷ Desse modo, os impactos do aumento da temperatura global, vão desde as mudanças na própria diversidade da vida (como todos os sistemas biológicos dos recifes de corais, que já sofrem grandes danos pelo

¹²⁴ TILIO NETO, Petronio De. *Ecopolítica das mudanças climáticas: o IPCC e o ecologismo dos pobres*. 2008. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2008, p.116.

¹²⁵ ARTAXO, Paulo. Dossiê Clima, *Revista USP*, São Paulo, n. 103, p.10, 2014.

¹²⁶ TILIO NETO, 2008, p.72,73.

¹²⁷ ARTAXO, 2014, p.10.

aumento da temperatura dos oceanos) até o elevado número e riscos de desastres ecológicos. O crescimento da população mundial e mudanças drásticas no clima tendem a transformar a água em um fator mais determinante para o início de conflitos e guerras.¹²⁸

Até a década de 1960, a preocupação que se tinha com o meio ambiente não ia além de um protecionismo ou conservacionismo de caráter filantrópico. A partir dali vários desastres ecológicos, em diferentes partes do mundo, causaram alarme público, e os novos avanços no conhecimento científico vieram mostrar que os recursos existentes no planeta são limitados. Nesta mesma década, surgiu o movimento que se tornaria conhecido como “revolução ambientalista”. Essa nova concepção ambiental se propõe a buscar as causas mais profundas da crise ecológica emergente. De caráter ativista e político, propõe uma transformação social mais ampla e reativa ao “establishment”, afirmando que a catástrofe ambiental só poderia ser evitada através de mudanças fundamentais nos valores e nas instituições das sociedades industriais.

2 O comportamento evangélico diante das questões ecológicas

O silêncio ou a indiferença de evangélicos em relação à crise ambiental, é destoante das crescentes preocupações observadas no mundo contemporâneo:

As advertências sobre um iminente desastre ecológico estão se tornando cada vez mais intensas e frequentes. Surgem em todos os setores do planeta. [...] Não são poucas as vozes que tomam a vez das sirenes e dos alarmes para alardear sobre as grandes ameaças que se recaem sobre a humanidade e o nosso planeta.¹²⁹

Algumas razões teriam levado os evangélicos a tal comportamento, como apontado, a seguir. Primeiro, uma formulação teológica baseada em interpretações antropocêntricas de narrativas do Gênesis. A concepção de que o ser humano deve dominar e subjugar a natureza, como se não pertencesse a ela, pode ser encontrada na antiga tradição hebraico-cristã, a partir de uma interpretação do Gênesis, onde se diz: “[...] enchei a terra e *sujeitai-a; dominai* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra” (Gn 2:28). Tal pressuposto exerceu grande influência na formação do pensamento antropocêntrico do mundo ocidental, colocando a espécie humana na condição de superioridade em relação à natureza e não pertencente a ela, dando-lhe por isso o direito de explorá-la para os seus interesses pessoais e egoístas. O etnocentrismo, desde os tempos mais primevos, fez com que o ser humano não atentasse para a expropriação que vem fazendo da natureza ao longo da história.

Comentando este aspecto, Moltmann¹³⁰ afirma que a compreensão do termo “dominem/dominai” (Gn 1:26,28) cunhada sob o prisma da dominação e de funções aniquiladoras, é equivocada e não revela o sentido principal do ser humano como

¹²⁸ VEJA, São Paulo, Editora Abril, edição 2397, ano 47, n.44, Tudo é água, p.84-105, 2014.

¹²⁹ OLIVEIRA, Albino Nonato. *Deus na criação: abordagem ecológica e trinitária na teologia de Jürgen Moltmann*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2007, p.11.

¹³⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação*. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

imagem de Deus. A função do sujeito é proporcionar boa qualidade de vida para as criaturas e viver benignamente entre elas. As imagens dominadoras visam à competição, poder e foram justificadas pelo patriarcalismo. Isso resultou em grandes injustiças durante épocas, sobretudo em relação à natureza.

Como segundo aspecto, destaca-se a visão teológica gnóstico-docética¹³¹ que caracteriza tanto o protestantismo quanto o pentecostalismo, desenvolvidos no contexto brasileiro ou latino-americano, a partir da segunda metade do século XIX. Antonio de Gouvêa Mendonça usa a expressão “Celeste porvir”¹³² para se referir ao legado dessa matriz norte-americana voltada para o que se considerava espiritual ou celeste, tendo como contra-ponto pouco interesse pelo que se entende como material ou temporal. Analisando tal perspectiva desenvolvida no contexto brasileiro, Mendonça fala de um “vazio histórico”, e faz uma denúncia:

A visão do Cristo do céu implantou na América Latina um protestantismo já de início em crise, porque colocou a igreja numa encruzilhada até aqui não superada. O Cristo do Céu não apresenta saída entre duas alternativas: ou arrebatou a Igreja para que vá ao seu encontro ou desce novamente para encerrar a história e inaugurar o milênio. Qualquer dessas alternativas tem levado as igrejas a expectativas de plenitude além da história. São comunidades de espera [...].¹³³

René Padilla também adverte sobre isto: “O cristianismo evangélico na América Latina, como no resto do mundo, está profundamente afetado pelo docetismo. Como resultado, [...] é incapaz de relacionar o evangelho com a ética e a vida sociais”.¹³⁴ O desdobramento desta proposta configura-se em uma espiritualidade individualizante e alienada, por desviar os olhares da história e os transferir para o “celeste porvir”, com visto na musicalidade evangélica:

O individualismo subjetivo de nossos cânticos é patente e preocupante. Considerando-a como um todo, a hinódia protestante é alienante. Desvia os olhares dos cristãos da história e os transfere a um mundo místico, inexistente... aa práxis cristã que a prática do culto oferece, além de alienante, é individualizante. Destaca o

¹³¹ Gnosticismo é nome de uma doutrina surgida no mundo antigo, que considerava a matéria como fonte do mal. Sua influência levou alguns setores do movimento cristão nascente a formular uma concepção docética (em grego, “aparência”) sobre Jesus, que pressupunha a negação de que Ele pudesse ter tido um corpo material ou plenamente humano, visto que não poderia se contaminar com a matéria. Negava-se em tal ensinamento que Jesus tivesse “vindo em carne” (cf. 1 Jo 4:1-3). Nesta visão, portanto, a natureza como um todo é compreendida como um obstáculo ao enlevo espiritual e à busca do conhecimento.

¹³² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

¹³³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Bíblia cativa, Cristo no céu e a igreja ausente. *Ciências da Religião*, UMESP, n.6, São Bernardo do Campo, p.167-182, 1989, p.167.

¹³⁴ PADILLA, René. Em busca de uma cristologia evangélica contextual. *Boletim Teológico*, n. 6. São Leopoldo: FTLA, 1985, p.89.

cristão da igreja e o transfere para o mundo do céu. Prejudica tanto a vida interna da igreja como sua inserção no mundo.¹³⁵

Terceiro, uma escatologia escapista da história, projetada partir do século XIX, no contexto norte-americano, por meio de vertentes evangélicas voltadas à parusia. A expectativa de uma iminente volta de Jesus impulsionou o estudo de profecias apocalípticas. Dentre os sinais do advento, estão os eventos climáticos de grandes proporções, identificados a partir de releituras textos bíblicos, como os que estão mencionados em conjunto, a seguir:

“[...] escurecerá o sol, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados”. (Mateus 24:29).

“Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu”. (Lucas 21:11).

“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas”. (Lucas 21: 25).

“O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde. O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar”. (Apocalipse 8:7-9).¹³⁶

Em um fatalismo teológico, acredita-se que a Terra já está destinada ao caos. A natureza já estaria, assim, teleologicamente fadada à destruição. Entende-se, com isso, ser indevido fazer qualquer coisa para reverter a crise ecológica ou promover alguma intervenção de cuidado ambiental, visto ser aprioristicamente um desígnio divino tais ocorrências. Assim, catástrofes ambientais são celebradas como sinais apocalípticos que anunciam a proximidade de um novo advento. Desse modo, não se considera uma missão da igreja a reversão de tal cenário, transferindo-se as perspectivas de mudança e transformação do contexto vigente para um futuro de intervenção divina.

Quarto, como um aspecto mais recente, destaca-se o que ocorre com a chamada teologia da prosperidade. Ao propor aos seus adeptos a acumulação de bens materiais no nome de Deus, tal corrente de pensamento procura satisfazer os desejos de consumo criados pela égide da ideologia do prazer, voltada à satisfação egocêntrica e imediatista. Neste sentido, a teologia da prosperidade se constitui em aliada da morte, afastando-se dos valores da vida. Ao ajustar a experiência cristã aos valores do consumo, este modelo de pregação colocou os bens simbólicos do cristianismo no mercado, transformando os templos em agências distribuidoras dos mesmos, gerando uma verdadeira disputa pelos consumidores de tais benefícios. Conjugando a estratégia do dar para receber em troca, tal afã consumista trabalha com a pressa e o instantâneo,

¹³⁵ ZABATIERO, Júlio P. T. Amós e a missão da igreja brasileira na atualidade. *Boletim Teológico*, n. 7. São Leopoldo: FTLA, 1985, p. 99.

¹³⁶ BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2021. [online].

com o imediatismo, ancorado em um discurso que legitima e se harmoniza a um sistema de produção em ritmo escalonário, com o emprego de técnicas que submetem a natureza a uma intensa forma de exploração para atender à avidez do mercado, sem respeitar o ciclo natural com que todo o ecossistema necessita para gerar e manter a vida.

Diante deste quadro exposto, como poderá haver uma “conversão” das concepções e dos caminhos que conduzem a uma previsível morte universal, para um “futuro da vida” que assegure a sobrevivência comum do ser humano e da natureza? Como compreender e reformular a fé cristã na criação para que ela deixe de ser um fator da crise ecológica e da destruição da natureza e se converta em fermento de “paz com a natureza”, objetivo absolutamente irrenunciável?¹³⁷

Considerando possíveis caminhos para um novo comportamento por parte da fé evangélica, identificada neste artigo, em relação às questões ecológico-climáticas, dois aspectos poderiam ser apontados como vetores.

Primeiro, em relação à visão teológica da liderança evangélica. As comunidades locais de fé geralmente reverberam e vivenciam conhecimentos disseminados por seus líderes, no caso evangélico, pastores. Por esse motivo, um vetor de mudança para um comportamento propositivo em favor das questões ambientais, passa necessariamente pela formação teológica desses líderes. Neste sentido, a inclusão de disciplinas e de conteúdos no ementário dos cursos de teologia, em nível de graduação e pós-graduação, voltados às questões ambientais, são pontos estratégicos. A isto se inclui a realização de eventos acadêmicos referentes ao tema; produção de materiais de ensino, contemplando, por exemplo, os ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável,¹³⁸ produção de pesquisas, como Trabalho de Conclusão de Curso, que contemplem questões ambientais. Neste propósito, autores como Jürgen Moltmann, constituem-se importantes referências na busca de novos horizontes:

Se a teologia sistematizou, de modo unilateral, o texto de Gn 1,26,28, justificando a dominação do ser humano sobre as demais criaturas, isto favoreceu os sistemas de exploração da natureza. O antropocentrismo equivocado e o desejo ilimitado de poder levaram à situação insustentável no planeta. O autor [Jürgen Moltmann] elabora uma visão original da criação, à luz da teologia trinitária, que dá origem a novas perspectivas. Seu discurso teológico está situado no horizonte da esperança cristã, do ecumenismo e do diálogo com as ciências naturais.¹³⁹

Entender o fato de que a humanidade ter sido criada à imagem e semelhança do Deus do Gênesis implica em ser também por Ele convocada a agir como seu

¹³⁷ MOLTSMANN, 1987, p.34.

¹³⁸ A exemplo da obra: BARRO, Jorge H; SILVA, Wellington P. da; ZABATIERO, Julio P. T. M. (orgs.). *Porque Deus amou o mundo: igreja & ODS. Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Londrina: Descoberta, 2019.

¹³⁹ OLIVEIRA, Albino Nonato. *Deus na criação: abordagem ecológica e trinitária na teologia de Jürgen Moltmann*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2007, p.5

representante, exigindo assim relacionamentos e atitudes semelhantes às que por Ele são demonstradas para com a criação: no cuidado, no amor que se doa, no sustento, na atenção e no respeito. Isto significa responsabilidade de co-administradores com o Criador no cuidado de tudo o que fora criado, estabelecendo com a natureza parceria no processo de recriar e de preservar a vida em toda a sua biodiversidade: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra [...] E tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2:7,15).

Nesta dimensão reconciliadora a humanidade precisa redescobrir que não é salva *do* mundo enquanto cosmos ou criação, como pressupunham os gnósticos, mas que é salva *com* o mundo e *para* ser agente representante da *imago Dei*, do Criador revelado no livro do Gênesis. Tal relacionamento é marcadamente solidário, porque origina-se em um Deus que ama, que tem paixão e que sofre pela sua criação. Superando a perspectiva gnóstico-docética, o espírito deve ser pensado não em condição de superioridade ou separação da matéria. Humanidade e natureza são iguais e inseparavelmente constitutivos, o que significa que a destruição de um é recíproca no outro. Isto possibilitará a noção de que o ser humano subsiste em corporalidade com unidade pluridimensional, co-existindo com o Planeta, integralizado com a natureza, com o próximo, consigo mesmo e com o Criador.

Nestas novas perspectivas teológicas, segundo Moltmann, é necessário que se redescubra também o sentido ecológico do sábado da criação (simbolizado no domingo cristão). Esse autor destaca que a quietude sabática permite a inviolabilidade, isto é, a não intervenção na natureza (exploração) através do trabalho permite que o meio ambiente seja reconhecido como criação de Deus.¹⁴⁰ O descanso santificador sabático representa, em relação à natureza, a cessação do fazer para que haja convivência amorosa, fraternidade e respeito prioritário à vida. O descanso de toda a criação desacelera o tempo, em prol do cuidado da vida. Por isso, após seis dias de trabalho, deveria haver um dia de descanso para os trabalhadores, para os animais e para a terra. Depois de seis anos de trabalhos sobre a terra, no sétimo não deveria haver plantio, para que a natureza tivesse condições de recuperar suas condições de gerar a vida em um ritmo que não se transformasse em esgotamento de seus recursos energéticos e vitais.

[...] A criação foi apresentada quase sempre na tradição teológica da Igreja ocidental só como “obra dos seis dias”. Com frequência não se reparou no sétimo dia, no sábado. Por isso se apresentou Deus só como o Deus criador: Deus non est otiosus. O Deus que repousa, o Deus que faz festa, o Deus que se regozija com sua criação passou a um segundo plano. E, no entanto, o sábado é a consumação e a coroa da criação. O Deus criador chega à sua meta, a si mesmo, à sua glória, precisamente em seu repouso sabático.¹⁴¹

Segundo, em relação às comunidades evangélicas locais, a partir de um processo reeducativo, de redescobrimto do seu papel de cuidado das questões climático-

¹⁴⁰ MOLTSMANN, 1987, p.288.

¹⁴¹ MOLTSMANN, 1987, p.19.

ambientais, estas passariam a desenvolver em sua vivência religiosa, novos comportamentos e ações: nas pregações, nas atividades educativas, na liturgia, na musicalidade, na espiritualidade, nos manuais doutrinários. De igual modo, contribuir com outras organizações governamentais e não-governamentais fora do âmbito eclesial, que estejam também engajadas nesta causa. As igrejas poderiam atuar mais intensamente, de forma integrada com a ciência, na intermediação política, com o objetivo de caminhar em direção à solução dos problemas ambientais, uma vez que a moral religiosa ajudaria a reverter os ganhos econômicos advindos da utilização sustentável da biodiversidade genética para as culturas locais, além de exercer o seu papel como formadora de opinião na conscientização das comunidades sobre os benefícios de uma vida equilibrada com a natureza, bem como de uma exploração racional dos recursos naturais.¹⁴²

A partir das suas convicções sobre Deus como Criador e sobre a importância e o valor da criação, os cristãos podem, eles próprios, aprender a respeitar a natureza, transmitir essa atitude a outras pessoas e apoiar as instituições idôneas que realizam esse trabalho, buscando com isso atenuar os impactos destrutivos sobre o meio ambiente que comprometem as condições climáticas necessárias à vida. Para isso, é fundamental dar o exemplo de uma vida sem ambições ou ganância, vivenciando uma ética cristã baseada no consumo do que é essencialmente necessário, libertando-se, desta forma, da égide de um consumismo sem limites e predatório.

Neste propósito, é importante que a igreja também emita profeticamente opiniões denunciadoras sobre a agressão ao meio ambiente feita por determinados setores produtivos que não respeitam valores éticos de equilíbrio e sustentabilidade dos meios de produção. A derrota da natureza será também a derrota da humanidade.

Conclusão

Os chamados “progressos técnicos” da civilização mecanicista aceleraram ou intensificaram sobremaneira o instrumental de domínio e conquista da natureza pelos seres humanos, atingindo uma amplitude de devastação cada vez mais predatória e escalonária. O afã consumista, presente sobretudo nas sociedades capitalistas, tem sido um processo ético e ecologicamente condenável, trazendo impactos ambientais que hoje representam ameaças à vida do Planeta como um todo. Para satisfazer à sociedade de consumo, as indústrias se proliferam, utilizando quantidades cada vez maiores de energia e matéria-prima, inclusive de recursos naturais não-renováveis.

A proposta fundada na ética é a de que se deve buscar uma nova ordem internacional cooperativa fundamentada em normas e éticas de caráter ecológico, em que a ciência e a tecnologia devem estar integradas não apenas com a preservação, mas também com a reparação de danos já causados. Neste sentido, a preservação da criação, além da atividade atribuída teologicamente ao próprio Deus, é tarefa humana. Aquilo que se celebra como cuidado divino tem a sua contrapartida no cuidado

¹⁴² CHRISTOFFERSEN, Martin Lindsey. Evolução, religião e ambiente. *Horizonte*, v. 8, n. 17, p. 109-124, abr./jun., 2010.

humano.¹⁴³ Sem esse cuidado, a criação como espaço ordenado para a vida sucumbe no caos.

Reconhece-se que, de forma geral, a igreja em sua vertente evangélica demonstra estar ainda distante desta realidade. De qualquer forma, é preciso dar os primeiros passos, visto que, como afirma Schaeffer,¹⁴⁴ o cristianismo tem a possibilidade de contribuir para a restauração em cada uma das áreas afetadas pelo mau uso dos recursos do Planeta. Neste sentido, considerando a emergência da temática ecológico-climática, a igreja tem um papel estratégico e não pode ficar alheia a esta questão. Para Eaton, é preciso ter um compromisso com um futuro ecologicamente sustentável, bem como a convicção de que a teologia tem um preponderante papel a desempenhar.¹⁴⁵ É tarefa da igreja tornar contínua a missão cósmico-ecológica de que Jesus já inaugurou em sua encarnação:

A defesa ecológica tem de se impor como necessidade profética da nossa própria espiritualidade cristã, que crê que a redenção será total, como diz Romanos 8, de 19 a 25. Não só para homens, mas para urtigas, pés de mandacaru, carvalhais, mangueiras, jabuticabeiras e parreiras [...]. Se a redenção de Deus não resgatar as diferentes formas de vida, se não resgatar tudo, o diabo terá vencido. Porque a teologia cristã diz que a queda contaminou isso tudo, logo, a redenção tem de ser redenção para tudo isso. E enquanto essa redenção não chega, uma das participações redentivas nossas no processo é gritar, profeticamente, a favor da preservação, afirmando que “tudo o que Deus criou é bom”.¹⁴⁶

Desse modo, é importante também se somarem esforços cooperativos entre a igreja e outras formas de lideranças ambientalistas, na busca de construção de uma sociedade em que haja o equilíbrio entre desenvolvimento e preservação dos recursos naturais, para que se garanta o funcionamento natural do ecossistema, e com isto se evite a destruição dos seres vivos em toda a sua biodiversidade. Tendo a questão ecológico-ambiental compreendida como parte da doutrina da criação, é urgente que a igreja redescubra o seu papel enquanto um dos agentes de transformação do contexto histórico em que está inserida e contemple a ecologia como um dos temas imprescindíveis e urgentes de sua tarefa missional de cuidado da vida.

Referências

ALMEIDA, Jozimar Paes. *A extinção do arco-íris*. Campinas: Papyrus, 1996.

ARTAXO, Paulo. Dossiê Clima, *Revista USP*, São Paulo, n. 103, 2014.

¹⁴³ REIMER, Haroldo. Criação e cuidado. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 1, n. 2, p.299-315, jul./dez., 2009.

¹⁴⁴ SCHAEFFER, Francis. A. *Poluição e morte do homem: uma perspectiva cristã da ecologia*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

¹⁴⁵ EATON, 2013.

¹⁴⁶ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Um projeto de espiritualidade integral*. Rio de Janeiro: Vinde, 1992, p.46.



BARRO, Jorge H; SILVA, Wellington P. da; ZABATIERO, Julio Paulo. T. (orgs.). *Porque Deus amou o mundo: igreja & ODS. Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Londrina: Descoberta, 2019.

BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2021. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2021. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CHRISTOFFERSEN, Martin Lindsey. Evolução, religião e ambiente. *Horizonte*, v. 8, n. 17, p. 109-124, 2010.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Um projeto de espiritualidade integral*. Rio de Janeiro: Vinde, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *A Revolução Industrial*. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Bíblia cativa, Cristo no céu e a igreja ausente. *Ciências da Religião*, UESP, n. 6, São Bernardo do Campo, p.167-182, 1989.

MOLTMANN, Jürgen. *Dios en la creación*. Salamanca: Sigueme, 1987.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação*. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Albino Nonato. *Deus na criação: abordagem ecológica e trinitária na teologia de Jürgen Moltmann*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2007.

PADILLA, René. Em busca de uma cristologia evangélica contextual. *Boletim Teológico*, n. 6. São Leopoldo: FTLA, 1985.

REIMER, Haroldo. Criação e cuidado. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 1, n. 2, p299-315, 2009.

SCHAEFFER, Francis. A. *Poluição e morte do homem: uma perspectiva cristã da ecologia*. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TILIO NETO, Petronio De. *Ecopolítica das mudanças climáticas: o IPCC e o ecologismo dos pobres*. 2008. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2008.

VEJA, São Paulo, edição 2397, a. 47, n. 44, Tudo é água, p.84-105, 2014.

ZABATIERO, Júlio Paulo. T. Amós e a missão da igreja brasileira na atualidade. *Boletim Teológico*, n. 7. São Leopoldo: FTLA, 1985, p. 99.